

The book cover features a complex, layered artwork. At the top, a vibrant red flower with yellow accents is partially visible. Below it, the title 'FUTURO/ANTERIOR' is printed in a large, white, serif font. Underneath the title, the author's name 'SÉRGIO FERRO' is written in a smaller, white, serif font. The background is a collage of various textures and colors, including shades of brown, tan, and beige. A prominent feature is a large, curved, light-colored shape that resembles a human torso or arm, rendered in a soft, painterly style. This shape is set against a background of faint, hand-drawn lines and circles, suggesting a technical or architectural drawing. The overall composition is rich and textured, reflecting the artist's style.

SÉRGIO FERRO

Impresso no Brasil  
© 1989 Sergio Ferro  
Editora  
Livraria Nobel SA  
Coordenação Geral  
Regina Morganti  
Realização  
Espaço de Arte Pedro Sergio Morganti  
Tradução  
Regina Morganti  
Versão para o Inglês  
Maria Lucia Montes  
William Shelton  
Projeto Gráfico  
Cauduro/Martino Arquitetos Associados  
Produção Gráfica  
Sibele Andreoli de Oliveira  
Fotografias  
Romulo Fialdine  
Jacques Faujour  
Revisão  
Regina Morganti  
Nilza Azevedo Ferrer  
Maria Lucia Montes  
William Shelton  
Fotolitos  
Gráficos Burti  
Fotocomposição  
Log Studio  
Impressão e Encadernação  
Cia. Melhoramentos  
Capa  
Detalhe da obra CARIÁTIDE  
Foto Jacques Faujour, ver obra na p.77

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Ferro, Sergio, 1938-  
Futuro anterior / Sergio Ferro; tradução Maria  
Lúcia Montes, William Shelton, Regina Morganti. -  
São Paulo: Nobel, 1989.

ISBN 85-213-0623-7

1. Arquitetura - Brasil - Projetos e plantas  
2. Arte - Filosofia 3. Pintura moderna - Século 20 -  
Brasil I. Título.

CDD-759.981  
-701  
-729.0981  
-750.92

89-1576

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte: Filosofia 701
2. Brasil: Pintura: Belas artes 759.981
3. Brasil: Projetos arquitetônicos 729.0981
4. Pintores: Biografia e obra 750.92

# FUTURO/ANTERIOR

REALIZAÇÃO  
ESPAÇO DE ARTE PEDRO SERGIO MORGANTI

*Para Regina estes desajeitados ensaios de canto  
"Pedindo ao céu que se faça azul"*

Sergio Ferro

## APRESENTAÇÃO

Sergio Ferro, radicado há alguns anos na França, vem ao Brasil de vez em quando, para nos mostrar o que lá produz.

Seu meio de expressão me faz pensar em um tratado sobre o Gosto, evidentemente por ele conhecido, *A Balança dos Pintores* de Roger de Piles, num tempo em que se decretavam mestres do *grand goût* Tiziano, Tintoretto, Veronese, Jacopo Bassano e, naturalmente, como chefe do grupo, Giorgione.

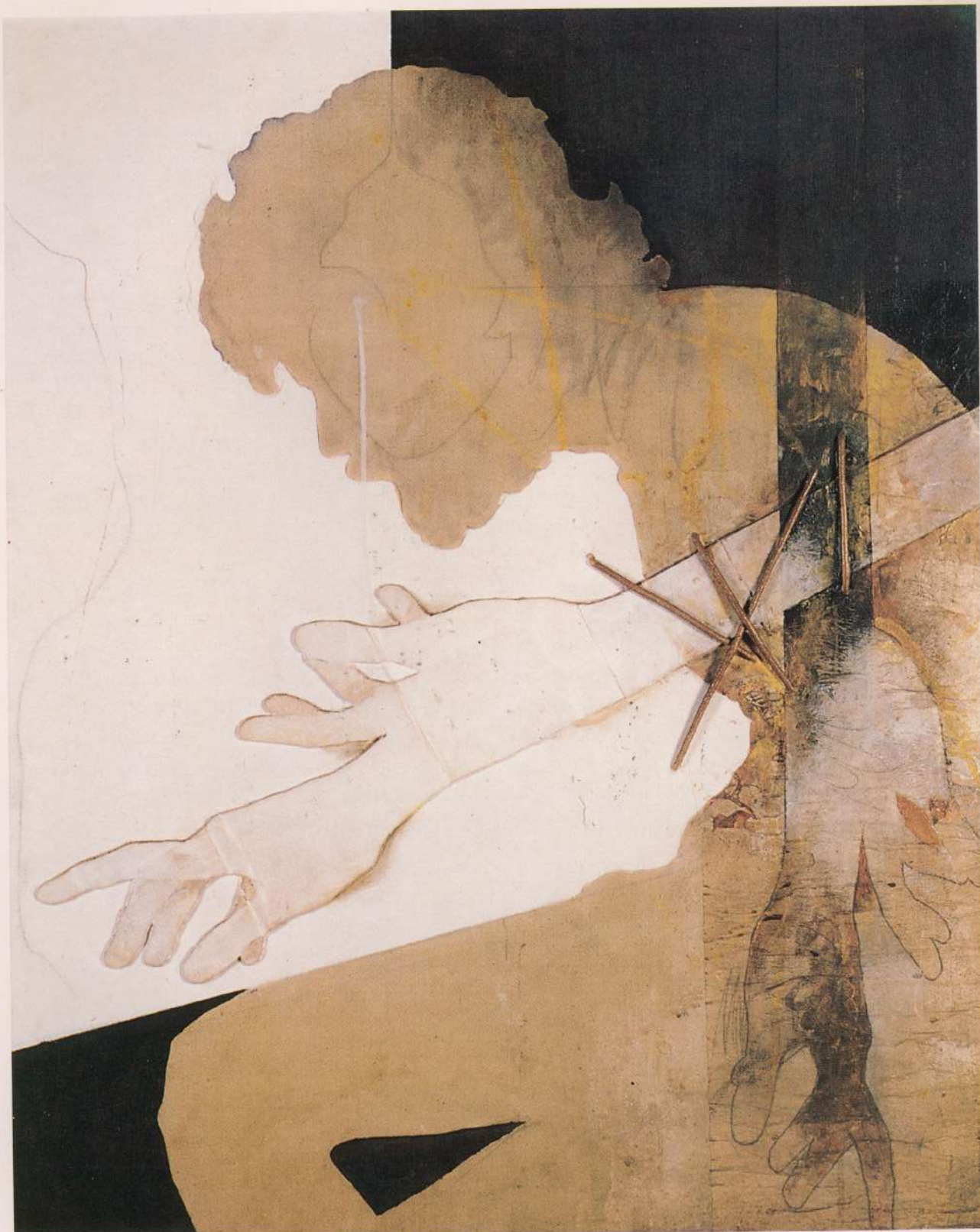
Essa novidade da balança, atualmente, não é mais levada em consideração pelos artistas, mas no campo da crítica não se pode deixar de atribuir valores comparativos no recinto, tanto mais amplo e compreensivo à intimidade das tendências que nascem e desaparecem.

Colocaria Sergio em uma posição particular, pois não saberia onde situá-lo nas atividades contemporâneas.

Ao invés de seguir uma tendência, como faz a maioria dos maneiristas, procura manifestar-se na espontaneidade que lhe é própria, o que pensa, sendo a Pintura-pintura sua única preocupação.

Na balança, herdeira daquela de Roger, lhe assinalaria uma posição estável, renunciando a consumir espaço, deixando as elocubrações aos críticos de plantão.

P. M. Bardi



AUTO RETRATO 1971  
101x83cm  
Coleção A. Simone Pereira

## RECADO

Devo, para esta edição, apresentar o que já fiz. O “já fiz” é de esperança: subentende que farei mais. Mas tem um lado pretensioso que me incomoda, como se eu fosse causa de obra merecedora de resguardo. Fico sem jeito e escapo através de uma solução meeira: misturar um pouco de texto de hoje, com outros, contemporâneos do que foi feito.

Começarei por um brevíssimo roteiro — questão de reconhecer dívidas e deixar alguns abraços. Retomarei, em seguida, alguns escritos sobre arquitetura e pintura, como as quis fazer. Terminarei por notas sobre a pintura que quero ainda fazer.

## ROTEIRO

Talvez tenha aproveitado pouco, mas tive a melhor formação em arte e arquitetura.

Di Cavalcanti me ensinou pintura: passei com ele um dia, desenhando um carneiro para a fábrica Peixe. Era um Lautréamont distraído e saudável. O professor Bardi foi o primeiro a me encorajar, quando eu ia pelos 14 ou 15 anos: me felicitou por ter sido recusado na Bienal e me prometeu uma exposição no MASP, se eu trabalhasse direitinho. Vinte e nove anos depois me apresentei, achando que era hora. Ele concordou.

No mais, imitei, (na ordem): Gustave Doré, Toulouse-Lautrec, Lasar Segall, Alberto Burri, Robert Rauschenberg e, até hoje, Michelangelo.

Na teoria, corro atrás de Adorno.

Na FAU/USP, meus mestres foram Flávio Motta, Artigas, Millan. Flávio me maravilhou. Fui seu assistente durante 9 anos. Seu brilho e inteligência me apresentaram o lado bom da arte. Artigas me marcou com sua poderosa plástica e, definitivamente, com o seu rigor ético infalível. Millan me conduziu no ofício; conhecia todos os seus meandros e possibilidades. Segui Le Corbusier e adotei W. Morris como padrinho teórico.

A partir do 2.º ano da universidade, Rodrigo Lefèvre e eu abrimos um escritório de arquitetura. Contornando o CREA, comprávamos as assinaturas que legalizariam nossos projetos. Nos juntamos, por vezes, a outros colegas: W. Hermann, G. Serra, Julio Barone. Logo nos associamos ao Flávio Império e não mais alteramos nosso grupo de trabalho, sempre cobertos pela crítica e amizade de Luiz Kupfer. Nosso radicalismo (no sentido de Marx, s.v.p.) discutia todos os hábitos. Me é difícil separar, hoje, o que no começo, foi proposto por um ou por outro. Tentar, seria atentar contra o nosso costume. Eu era o mais metido à besta. (Fazia parte do 2.º Seminário da “Maria Antonia” sobre *O Capital*, citava Giordano Bruno, ouvia Schönberg e usava gravata de *crochet*. Um típico chato-boy). Rodrigo nos ancorava no real e Flávio só parava de criar por exaustão. Fiz, assim, arquitetura com as melhores — e mais queridas — cabeças disponíveis.

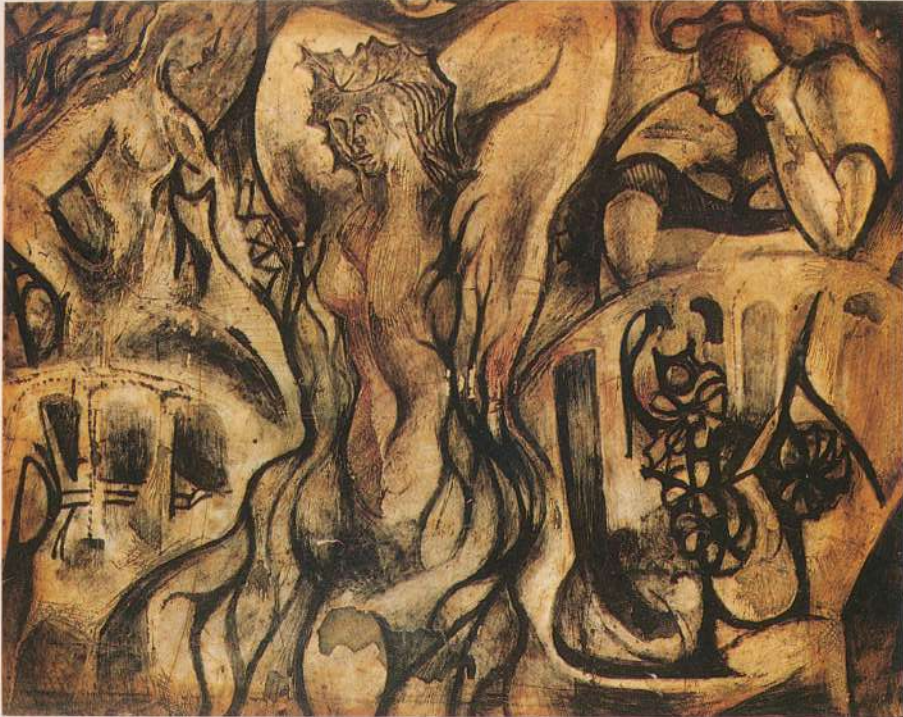
Quando tento escrever sobre o que ficou para trás, alguma coisa emperra na minha memória. Precisamente, nos tempos de tortura. Havia que esquecer para não falar, e esqueci bastante. Mas, como jamais separei política e arte ou arquitetura, incluo também, a quem muito devo, os caros amigos de luta, vivos ou mortos.

Quanto a mim, separo o artesanato da arte da produção manufatureira da arquitetura. Espero que meus textos justifiquem esta minha mania.

Sergio Ferro



DESENHO 1956  
83x95cm  
Coleção Waldemar Herman



DUAS MULHERES 1957  
17x22cm  
Coleção P. S. Morganti



BARCO 1958  
28x32cm  
Coleção S. Portugal Gouveia